

A história se repete

Não se trata de voltar a dizer que a história se repete como farsa. O que é importante é marcar que ela *pode* se repetir. E como a repetição se faz em contexto diverso, as maneiras pelas quais ela se dará serão diferentes, embora seja possível discernir os objetivos das ações que permitem falar em repetição (os novos fatos se colocando num plano diferente da espiral, como já se dizia antigamente). Essa reflexão vem a propósito da chamada agitação do mercado financeiro, que irrita o presidente do Banco Central e, imagino, muito mais o presidente da República. É nessa agitação que a história *pode* estar se repetindo.

O senador Fernando Henrique Cardoso acompanhou o calvário do presidente José Sarney. Agora, o senador José Sarney, do alto de sua experiência, acompanha o início dos 13 passos da paixão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Aos que não se recordam, é preciso lembrar que nunca presidente da República algum foi alvo de tantos boatos e intrigas quanto Sarney — o terreno em que se ex-

pandiam sendo, como agora, o mercado financeiro. A diferença é que naquele tempo havia o dólar mais livre e a taxa do over. Semana vai, semana vem — além de intrigar-se a vida pessoal de familiares do presidente — o mercado era tomado por uma série de boatos os mais desencontrados e reagia diante deles. Eu estava por acaso em Brasília quando tudo chegou ao fim sem que se apercebesse de que as coisas tinham marchado para aquele final. No fim da tarde, ao ser apresentado ao general Ivan Mendes, chefe do então SNI, ele não pôde deixar de dizer que o dia tinha sido o mais agitado de toda a sua função: o drama começara às dez da manhã, quando um ministro militar lhe telefonara para saber se era verdade que o presidente José Sarney havia renunciado. A boataria da renúncia do presidente durou o dia todo, com o mercado sensível. Daquele dia em diante, *depois que o presidente José Sarney renunciou*, não houve mais agitação no mercado financeiro,

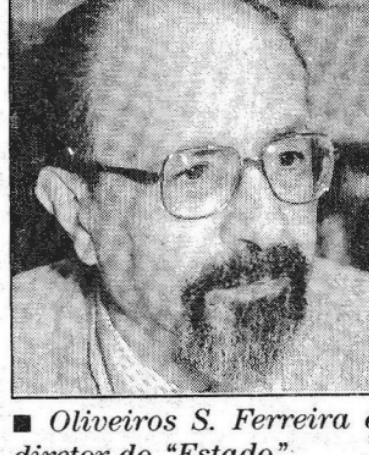
nem se falou mais da vida privada de familiares seus.

Se me perguntarem qual o fundamento científico dessas observações, não terei como enunciá-lo. Se me perguntarem qual a relação de causa e efeito entre um boato de renúncia e o silêncio dos boatos em seguida, também não poderei estabelecer. Registro os fatos, por serem singulares — e são os únicos que devem ser registrados, pois são os únicos importantes. Os óbvios, esses por ser óbvios não querem explicações. Houve quem dissesse — e a teoria conspirativa teve bom curso à época — que o presidente Collor de

Mello caiu porque contrariou com seu programa a nomenclatura das estatais. Verdadeira ou mentirosa, a teoria era seguramente conspirativa, mas o fato é que nenhum dos deputados e senadores que hoje estão no poder protestou contra o fato de o sigilo bancário de muitos haver sido quebrado, num crime tão clamoroso quanto aquele contra o qual se ergue hoje o presidente Pérsio Arida. Da mesma maneira, não se invocou coisa alguma quando se

fez a CPI do Orçamento e os anões tiveram sua vida devassada. A pátria clamava por justiça e limpeza na vida pública.

Há semanas, ou seria pouco mais de mês pelo menos, o presidente Fernando Henrique vem sofrendo o mesmo tipo de desgaste que o ex-presidente José Sarney. A teoria conspirativa pode ter valido para explicar o impeachment de Collor, mas não serve para explicar a campanha contra Sarney. Poderia, até, explicar o por quê de Fernando Henrique Cardoso estar sob ataque — e então eu gostaria de saber porque o combate se dá no terreno do mercado financeiro, como na época de Sarney. O ataque contra Sarney também era claramente dirigido contra a Autoridade, especialmente a do ministro do Exército da época. Como a história *pode* se repetir em plano superior da espiral, agora não se ataca a autoridade do ministro do Exército; vai-se direto à do presidente da República. Não me peçam indícios; basta ler jornais.



■ Oliveiros S. Ferreira é diretor do "Estado"

Há semanas FH vem sofrendo o mesmo tipo de desgaste experimentado por José Sarney